

BOCA DO INFERNO: REAVENDO A HISTÓRIA

Roseana Nunes Baracat de Souza Figueiredo
Universidade de São Paulo

“Todo passado se transforma em ficção nas mãos do escritor, ele tem essa liberdade; a liberdade de flexionar a História.”

Ana Miranda

O enredo

Com uma linguagem rica e precisa, e uma narrativa ágil, Ana Miranda trabalha os pontos de contato entre a ficção e a história. Este romance tem como cenário a Bahia do século XVII, durante o governo tirânico do militar Antônio de Souza de Menezes, alcunhado de Braço de Prata por usar uma peça deste metal no lugar do braço perdido numa batalha naval contra os invasores holandeses.

A ação começa com o assassinato do alcaide-mor da cidade de Salvador por oito encapuzados, que se refugiam, em seguida, no colégio dos Jesuítas. Este crime é resultado da feroz rivalidade entre duas facções inimigas; a dos Menezes, encabeçada pelo governador “Braço de Prata”, e a dos liberais Ravasco, liderada pelo Padre Antônio Vieira. Tomando por pretexto o assassinato do alcaide, o “Braço de Prata” inicia um período de terror e perseguições a todos os seus opositores. Vieira é feito réu do crime.

Entre os perseguidos pela fúria do brutal governador está o poeta brasileiro Gregório de Matos, envolvido por suas ligações com os Ravasco e por suas sátiras aos poderosos. Por causa disso perde seus encargos e tem que fugir com medo de ser preso ou morto.

A linguagem, a estruturação harmoniosa do texto, a recriação da cidade e arrabaldes, a construção verossímil de interessantes personagens históricos ou fictícios, fazem da análise da obra uma experiência fascinante. A narrativa nos leva a um mundo povoado por personagens inesquecíveis.

O romance – uma narrativa de ficção

O Romance tem o poder de recriar o mundo, de transfigurar a sociedade, produzindo assim uma outra realidade, a realidade artística.

Há, no romance *Boca do Inferno*, uma pluralidade dramática, ou seja, a ação termina, definitivamente, com a última linha escrita. Apresenta, também, uma simultaneidade dramática, com interligação dos núcleos. Encontra-se a pluralidade geográfica, a ação se passa na Bahia e no Recôncavo, com, apenas, algumas notícias de Portugal.

O tempo apresenta-se de maneira cronológica, em que todos vivem segundo um sistema real de tempo, marcado pelo correr dos anos do século XVII. As personagens, em sua maioria, são planas, caracterizadas por marcas exteriores, geralmente no início da narrativa. Mais do que a narração dos fatos, o romance, revela as personagens que constituem a força da narrativa.

Neste romance, em particular, a trama é verossímil, remontando uma fase histórica do Brasil. Narrado em terceira pessoa, o narrador comporta-se de maneira onisciente, o que nos dá uma proximidade muito maior com a história do Brasil-colônia.

Recuperando a história na literatura

Numa primeira leitura, o interesse maior foi pela descoberta da verdade, pela busca do que havia acontecido realmente e o que poderia ser ficção. O crime contra o alcaide-mor Teles de Meneses foi real e muito da ação do romance realmente aconteceu. A

ficcionista não é portanto autora da história, mas sim da forma, da estrutura e do modo como essa história será contada, ponto de ligação entre a verdade e a ficção. É necessário que haja uma separação entre a história e a ficção, devendo assim conhecer o que foi fato acontecido e o que foi criação, para daí perceber como a autora reconstrói os pontos históricos de maneira literária.

É indispensável lembrar que a história traz, dentro de si, todos os pontos políticos de uma determinada época e é isso que a autora faz em *Boca do Inferno*, a trama central enfoca o drama político da época da colonização portuguesa no Brasil, os governadores e seus artifícios para dominar e lucrar numa terra que, no momento, não era de ninguém.

Um dos pontos mais importantes e bem elaborados pela autora foi a linguagem, para que esta não se distanciasse da época e dos costumes. Assim é que os diálogos foram trabalhados segundo os documentos que registram cartas, sermões e poemas das personagens e da época.

As descrições da cidade da Bahia do século XVII e as descrições do governador apresentam-se com tal minúcia e precisão que se podem confrontar com a realidade do século XVII.

Paralelo entre a história e a ficção

Aqui começa um paralelo entre a história registrada e pesquisada e a ficção elaborada pela autora. Em algumas partes do enredo e nos diálogos contidos na obra, fica fácil perceber essa proximidade entre a história e a ficção.

Um desses diálogos é o citado em *Boca do Inferno*:

Nas mãos de alguns populares, corria a sátira de Gregório de Matos: “Quem sobe ao alto lugar que não merece, homem sobe, asno vai, burro parece, que o subir é desgraça muitas vezes. A fortunilha, autora de entremezes, transpõe em burro herói, que indigno cresce: desanda a roda, e logo homem parece, que é discreta a fortuna em

seus revezes. Homem eu sei que foi vossenhoria, quando o pisava da fortuna a roda; burro foi ao subir tão alto clima. Pois, alto! Vá descendo onde jazia, verá quanto melhor se lhe acomoda ser homem embaixo do que burro em cima.”¹

Percebe-se a veracidade do trecho acima quando lemos em *A Sátira e o Engenho – Gregório de Matos e a Bahia do século XVII*, obra de João Adolfo Hansen, o seguinte:

Um soneto dirigido ao Braço de Prata, o governador Antônio de Souza de Meneses, encena alguns motivos do quadro de Quevedo, alegorizando a instabilidade das coisas do mundo:

Senhor Antão de Souza Meneses,
Quem sobe ao alto lugar, que não merece,
Homem sobe, asno vai, homem parece,
Que o subir é desgraça muitas vezes.

A fortunilha autora de entremezes
Transpõe em burro o Herói, que indigno cresce:
Desanda a roda, e logo o homem desce,
Que é discreta a fortuna em seus reveses.

Homem (sei eu) que foi Vossenhoria,
Quando o pisava da fortuna a Roda,
Burro foi ao subir tão alto clima.

Pois vá descendo do alto, onde jazia,
Verá, quanto melhor se lhe acomoda
Ser homem em baixo, do que burro em cima.”²

Continuamos a confrontar trechos para detectarmos o quanto de história está presente na ficção, observarmos que, em certo momento da narrativa, a autora escreve:

¹ MIRANDA, 1997. p.316.

² HANSEN, 1989. p.378.

Gregório de Matos despediu-se, para sempre, da cidade que tanto amava e odiava. Adeus praia, adeus cidade, adeus povo, adeus Bahia, adeus canalha infernal.³

E num poema de Gregório de Matos, encontramos:

Adeus praia, adeus Cidade,
e agora me deverás,
Velhaca, dar eu adeus,
A quem devo ao demo dar:
(...) estás tão caída,
que nem Deus te quererá.
Adeus Povo, adeus Bahia,
digo, Canalha infernal (...)
E tu, Cidade, és tão vil.⁴

Alguns nomes como os de Tomás Pinto Brandão, o Arcebispo João da Madre de Deus, Maria dos Povos, Bernardo Ravasco, o desembargador João da Rocha Pita, entre outros, são nomes históricos e documentados.

O que deve ficar bem claro é que muito do que se encontra no romance *Boca do Inferno* é histórico, verdade documentada, mas até então pouco explorada, como as descrições do Braço de Prata, de Câmara Coutinho, que tinha o nariz de Tucano, do Pe. Vieira e do poeta Gregório de Matos. Também as descrições dos lugares, da época e dos costumes constituem uma forte marca da história.

As falas foram recriadas, baseadas nos poemas, nas cartas e nos sermões, que registram a linguagem da época.

Quanto às mulheres, sabe-se que não tinham voz nenhuma, não apareciam com destaque e nem eram solicitadas politicamente. Anica de Melo não existiu, Bernardina Ravasco existiu, porém não se sabe com qual nome, sabe-se apenas que Bernardo Ravasco teve uma filha que morreu jovem, vítima de problemas cardíacos.

³ MIRANDA, 1997. p.322.

⁴ HANSEN, 1989. p.328.

A morte do alcaide foi um fato e a rivalidade entre os Meneses e Ravasco também, esses fatos fizeram parte da história. A história torna-se ficção a partir do momento em que se apanha um fato e dele se desenrola uma trama contada por alguém. Esse alguém que conta passa a ter o direito de revelar os fatos à sua maneira e de controlar o desfecho.

A antítese, tão comum no Barroco, percorre toda a obra, como se pode observar nos seguintes fragmentos:

...a cidade parecia ser a imagem do Paraíso. Era, no momento, onde os demônios aliciavam almas para povoarem o Inferno.⁵

A obra trabalha com os sentimentos, anseios e dúvidas que cercavam a cabeça do poeta:

Sentia dentro de si um abismo.⁶

O poeta fazia de tudo para demonstrar excentricidade: um ar extravagante, roupas amarrotadas, cabelos desarrumados. No entanto, era em torno dele que as coisas giravam. Sempre.⁷

Há, por toda a obra ironias, antíteses e outras características barrocas, além de várias citações em Latim e de autores da época. Como nas obra de Gregório de Matos, não escaparam também em *Boca do Inferno*, críticas ao Clero. A própria autora revela que os Jesuítas não admitiam a escravidão indígena, mas não se opunham à escravidão negra.

As dificuldades do começo dos engenhos, problemas com escravos (índios, jesuítas, negros) e com a Coroa também merecem destaque, como se observa neste fragmento:

além de enfrentar as inclemências da natureza e as dificuldades inerentes à produção, os senhores da cana estavam sujeitos a uma política desastrada da Coroa.⁸

⁵ MIRANDA, 1997. p.12.

⁶ MIRANDA, 1997. p.13.

⁷ MIRANDA, 1997. p.295.

⁸ MIRANDA, 1997. p.296.

Ana Miranda retoma uma época em que o país se resumia em governantes corruptos e num povo que só tinha a seu favor a própria língua, assim mesmo, nem todos. Foram dez anos de trabalho numa obra rica e cheia de detalhes, tendo como nome a alcunha do poeta mais rebelde e consciente daquela época. Gregório de Matos Guerra foi o “Pasquim da Colônia”, um poeta sem medos ou medidas, pois o desejo era seu guia.

A autora segue um critério rigoroso em relação ao título, à história, às personagens e principalmente à linguagem, como se ela tivesse viajado para aquela época, “viagem” enriquecedora também para seus leitores.

Ao término da leitura, fica a sensação de que mais uma parte da história foi descoberta, algo, além do contado nas escolas, foi revelado. A análise da obra *Boca do Inferno* trouxe à tona fatos e personagens ainda desconhecidos para muitos e essa oportunidade de descobrir a história através da literatura significa que a Literatura não é apenas a arte da palavra escrita, é acima de tudo a arte de revelar a vida tal como é...

Acabaram-se as trovas e tudo, enfim, se acabou.

Gregório de Matos

Referências Bibliográficas

- HANSEN, João Adolfo. *A Sátira e o Engenho: Gregório de Matos e a Bahia do século XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- MIRANDA, Ana. *Boca do Inferno*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Resumo

O presente artigo trata da importância da História para a Literatura e busca retratar uma obra cujo espírito foi justamente esse, o de resgatar a história muitas vezes esquecida ou desprezada. A obra *Boca do Inferno*, da autora Ana Miranda faz uma reconstituição do Brasil colônia do século XVII e aborda temas políticos e literários com perfeita verossimilhança, ou seja, ela mistura verdade com ficção de tal forma que não se chega a saber quando uma termina para o início da outra. A obra trata de um ponto da vida do poeta Gregário de Matos Guerra e do Padre Antônio Vieira, eles são personagens da própria história que ajudaram a fazer, além de narrar fatos políticos da época. Assim, mesclando história e ficção, Ana Miranda dá vida a uma das melhores obras literárias dos últimos anos que trata daquele começo de história brasileira.

Abstract

The present article talks about the importance of history to the literature and tries to show a work whose spirit waqnted to get back the History, most of the time forgotten or despised. The work “Boca do Inferno”, by the author Ana Miranda made a reconstitution Colonial Brazil in the seventeenth century and talks about political and literary themes with a perfect like hood (verisimilitude), or better, she mixes the reality with fiction in a way that it’s hard to say when one ends and the other begins. The work talks about a point of Gregório de Matos Guerra and Padre Antonio Vieira’s life; They are characters of the history who helped to do something, besides relating political facts of the time they lived in. This way, mixing History and fiction, Ana Miranda gives life to one of the best literary works of the latest years which talks about the begining of the Brazilian History.